

PINTURA E MÚSICA NOS POEMAS DE DA COSTA E SILVA Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)¹

Resumo: “A poesia é uma pintura que se move e uma música que pensa”, a frase de Deschamps instiga a compreensão de como os poemas do poeta piauiense Antônio Francisco da Costa e Silva se reproduzem em outras linguagens, tal qual os trabalhos do pintor Hostiano Machado e do músico Francis Monte que transportaram para as artes plásticas e artes musicais, respectivamente, alguns poemas do vate amarantino, moldando-os e estabelecendo elos entre as diversas sensações que o eu-lírico produz. As interpretações artísticas levam o leitor/ouvinte a compreender as fontes e os contextos originários da criação dos poemas, das pinturas, das músicas, reforçando a intenção entre as artes.

Palavras-chave: Música; Poema; Pintura; Da Costa e Silva.

A arte é o campo amplo que abrange atividades distintas, mas que interagem e se comunicam como a pintura e a literatura, travando um diálogo que as aproxima. Pretende-se neste simpósio, apresentar um estudo acerca de três poemas escritos pelo poeta amarantino Da Costa e Silva e os quadros pintados pelo pintor Hostiano Machado a partir dos poemas Carta à minha mãe, A moenda e Canção a morte.

A imagem exerce no homem um grande fascínio: Mário Praz (1982) esclarece que essa atitude surgiu nos tempos pré-históricos em que as ideias eram simbolizadas em sinais abstratos traçados na pedra, seguidos pelos hieróglifos e os símbolos da escrita egípcia. Ao longo da História, as ilustrações complementavam a escrita, atendendo às necessidades de comunicação da época, como na Era Clássica, os textos míticos, dramáticos e científicos por serem escritos à mão traziam pinturas e ornamentos de diferentes tipos.

Esse paralelismo foi, de certa forma, o ponto de reflexão para os pensadores, artistas e poetas ao longo da história estabelecerem a relação entre as letras e as artes plásticas. Tal posicionamento Horácio (1997, p. 65) deixa claro em sua Arte Poética ao retratar que:

Poesia é como pintura; uma te cativa mais, se te deténs mais perto; outra, se te pões longe; esta prefere a penumbra; aquela quererá ser contemplada em plena luz, porque não teme o olhar penetrante do crítico; essa agradou uma vez; essa outra, dez vezes repetida, agradecerá sempre.

¹ Graduada em Letras (UFPI). Mestre e Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS).
Contato:r.celestina@uol.com.br

A observação do poeta latino originará outras reflexões nos séculos seguintes.

Estudos diversos polemizam a analogia e o paralelismo entre literatura e pintura, desencadeando várias polêmicas quer estéticas, quer filosóficas, advindas do próprio ato de escrever, que para Cortez(2005) pode ser “interpretado como ato de marcar, de gravar ou de rasurar” (p. 306) e este, ao ter retirado sua normatividade, se aproxima mais do desenho e se afasta mais da leitura.

Então, a imagem e a escrita sempre seduziram o homem. A literatura como linguagem artística não se submete a regras obrigatórias de estruturação para se fazer compreender, pois como objeto de arte as palavras assumem vida própria, têm novos sentidos, diferentes daqueles conferidos cotidianamente, isto é, assumem novos significados e novas representações. Nesse ponto, literatura e pintura se aproximam no processo de criação por esta ser livre de estruturas preconcebidas, uma vez que o artista tem como principais fontes de construção nos artistas plásticos, os aspectos sociais, cotidianos e principalmente o imaginário que o levará a decidir de que forma retratará uma paisagem, um fato ou qualquer acontecimento que possa transportar para um texto imagético.

Silva (2010) corrobora dessa ideia ao afirmar:

A literatura busca na estilização da linguagem a forma de se definir como texto literário especialmente, na quebra dos padrões linguísticos estabelecidos. A pintura percorre caminho parecido e está sempre se reinventando no modo de construir a sua linguagem pictórica.(p.53)

No Brasil, o diálogo entre a arte visual e a escrita se intensifica no Século XX, período de grandes transformações no cenário artístico brasileiro, com o surgimento do movimento modernista nos anos de 1920, cujo ideal rompe com as formas “tradicionais” presentes nas artes plásticas, na construção literária e na vida cotidiana, ao criar uma nova cultura, alcançando seu apogeu com a Semana de Arte Moderna.

Sobre esse entendimento, Amaral (1998) preceitua:

Era o retorno ao índio, à terra: era a proclamação da independência política. Era também a consequência natural e inevitável de “pau Brasil”, escreveu a propósito Sérgio Milliet. E acrescentou que “se observa um fenômeno curioso e por assim dizer inédito em nossa história literária e artística: o da pintura influenciando na literatura. Esclarece: “São os escritores que seguem ao pintor e suas ideias literárias nascem da presença de uma invenção pictórica, do contato íntimo com ela.(p.65)

As concepções do momento apontavam para as novas realidades do século XX às quais os brasileiros deveriam se adaptar por serem visões de mundo novas e iminentes que contribuíram para o processo de criação dos artistas, sem deixar de respeitar suas particularidades.

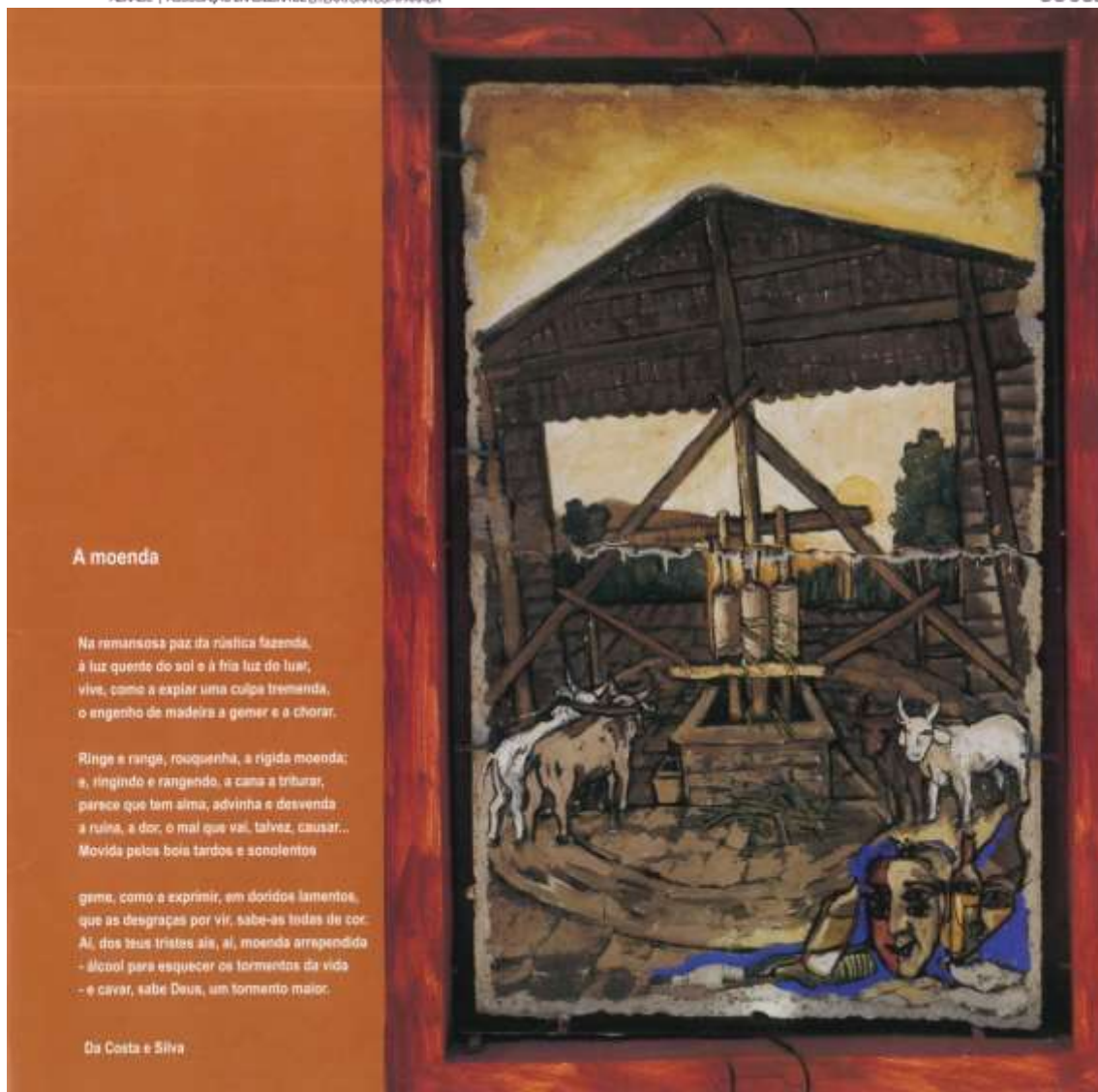
Sobre esse entendimento Mukarovsky (1978):

Objeto artístico deve ser avaliado enquanto signo dotado de dupla função: autônomo e comunicativo. Para ele, tanto a manifestação linguística quanto a artística objetivam a comunicação, mas, mais do que isso, o signo artístico revela sempre uma intencionalidade própria, decorrente de sua constituição, portanto, decorrente de seu material, o que tornaria impossível a identidade dos gêneros artísticos, mas não invalidaria todas as suas possíveis aproximações que os limites reguladores dos materiais não conseguem evitar.

Dessa forma, a literatura propicia a leitura da imagem e também a constrói por meio das palavras, assim como a leitura de uma obra plástica pode levar à produção de uma escrita.

É o que faz o médico Francisco Almeida, grande admirador do poeta Da Costa e Silva, para humanizar e homenagear o vate piauiense nomeou sua clínica em Amarante – Piauí com o título “Espaço de Saúde e Cultura Poeta Da Costa e Silva”, assim como esculpiu uma escultura do poeta em tamanho normal no muro da clínica e vários poemas do poeta foram traduzidos em pintura pelo artista plástico, Hostyano Machado e musicado por Francis Montes, como se exemplifica a seguir:

Figura: Poema e quadro A moenda



A moenda

Na remansosa paz da rústica fazenda,
à luz quente do sol e à fria luz do luar,
vive, como a expiar uma culpa tremenda,
o anjengo de madeira a gemer e a chorar.

Ringe e range, rouquenha, a rígida moenda;
e, ringindo e rangendo, a cana a triturar,
parece que tem alma, advinha e desvenda
a ruína, a dor, o mal que vai, talvez, causar...
Movida pelos bois tardos e sonolentos

gema, como a exprimir, em docídeos lamentos,
que as desgraças por vir, sabe-as todas de cor.
Ai, dos teus tristes ais, ai, moenda arrependida
- álcool para esquecer os tormentos da vida
- e cavar, sabe Deus, um tormento maior.

Da Costa e Silva

Fonte: Foto retirada do folheto Espaço de Saúde e Cultura Poeta Da Costa e Silva (Arquivo da autora)

Na poesia de Da Costa e Silva, observa-se a ideia de paz e harmonia da vida tranquila e feliz da fazenda, na sua rotina da moenda na faina de triturar a cana, com os bois cansados de um trabalho monótono e cansativo, mas há a constatação do mal que o produto resultante desse trabalho traz: “-álcool para esquecer os tormentos da vida/-a cavar, sabe Deus um tormento maior.” O poema alcança uma plenitude em relação à dor, aos tormentos ou até à morte, no que diz respeito aos efeitos do vício produzido pelo consumo de bebida alcoólica, algo que destrói o ciclo da vida, que a fazem efêmera mais ainda. E diante dessa constatação, não há angústia na sua poesia, mas a afirmação de algo tão dorido e destruidor. Dessa forma, o fazer poético é quem possibilita a “posse feliz do mundo e de si mesmo” (LOURENÇO, 1996, p. 117), a escolha do que faz o ser feliz ou não. Nesta constatação insere-se a grandiosidade da poesia, “a

conciliação impensável e, todavia, existente da nossa realidade e do nosso sonho, por palavras que miraculosamente, dizem o indizível” (LOURENÇO, 1996, p. 119-120). Portanto, “o poema aparece, como o lugar da unidade humana reencontrada”, embora no poema em análise, essa unidade se dá no modo como a palavra e o quadro revelam a realidade mediadora entre os homens e as coisas, isto é, a linguagem constitui-se senhora do homem, cabendo ao poeta apoderar-se da linguagem e, por meio dela, criar a realidade que está além da nossa percepção e da existência das coisas: o homem se define por meio da palavra verbal ou não.

O poema A moenda possui 14 versos, é um soneto, com 12 sílabas, isto é, alexandrino, com três segmentos rítmicos (4-8-2), com uma prosódia inquietante, emocional, com musicalidade reforçada pelas aliterações dos versos 5 e 6 da segunda estrofe:

A MOENDA

Na remansosa paz da rústica fazenda
À luz quente do sol e à luz fria do luar,
Vive, como a expiar uma culpa tramenda,
O engenho de madeira a gemer e a chorar.

Ringe e range, rouquenha, a rígida moenda;
E, ringindo e rangendo, a cana a triturar,
Parece que tem alma, adivinha e desvenda
A ruína, a dor, o mal que vai, talvez, causar...

Movida pelos bois tardos e sonolentos,
Geme, como a exprimir, em doridos lamentos,
Que as desgraças por vir sabe-as todas de cor.

Ai! dos teus tristes ais! Ai! moenda arrependida!

- Álcool! para esquecer os tormentos da vida

E cavar, sabe Deus, um tormento maior!

Diante disso, percebe-se o diálogo existente entre poema e tela, construindo um universo pleno de sentido, reafirmando a ideia de que a decifração da linguagem depende muito do conhecimento de múltiplos textos, do repertório cultural do leitor, do seu conhecimento, da sua sensibilidade. Conforme se pode apreciar no poema e na tela em foco, as várias possibilidades com que cada artista expressa seu pensamento.

Por outro lado, a relação entre música e literatura vem de muitos anos. Na Grécia Antiga, poesia e música eram inseparáveis, isto é, a poesia era feita para ser cantada.

Música e literatura são representações simbólicas dos sons ou no dizer de Ruckert “uma gravação codificada da fala”. Elas podem ser classificadas como artes cujo objeto se desenvolve no tempo, opondo-se às artes plásticas, em que o objeto se propaga no espaço. Desse modo, música e literatura unem-se por um ponto de vista estrutural.

A música surgiu do canto e, no canto, o conteúdo é a poesia declamada melodiosamente, fato que reforça a relação entre essas artes. O homem procurou imitar a voz quando produziu os instrumentos musicais. Muito tempo depois, surgiu a música absoluta, isto é, dissociada da mensagem literária.

A música litúrgica, a ópera, o “liede” e o poema sinfônico compreendem formas musicais intimamente ligadas à literatura. Examinando a evolução histórica dessa relação, têm-se na música Ocidental, o cantochão, canto litúrgico da Igreja Católica Romana, criado pelo papa Gregório I, a primeira manifestação do gênero. O “Canto Gregoriano” durante oito séculos fixou-se como padrão oficial. Nele, o coro cantava o texto litúrgico de forma homofônica, com todas as vozes numa mesma melodia. Entretanto, a música não se restringia ao modelo oficial da igreja e, por influência da música profana dos trovadores, há a introdução da harmonia primeira divisão das vozes: uma recitando texto, outra aprimorando o melodicamente. Tempos depois, vozes iniciam a mesma melodia, criando uma polifonia. Registra-se, nessa época, o primeiro compositor identificado, Perotinus.

A ópera surgiu no Barroco. Constitui um poema dramático musicado e teatralmente representado, incluindo além do canto e do acompanhamento orquestral, a dança e a composição cenográfica, isto é, uma arte plural cuja base é o libreto e a música.

Os libretos são poemas, criações originais, caracterizadas como obra literária fornecem ao libretista o roteiro para os diálogos e a movimentação cênica.

O “*lied*”, canção alemã, surgiu no século XIII, ganhou com Schubert expressividade na forma de declamação melódica com acompanhamento instrumental, em que solista e acompanhante desempenham papel interdependente na execução do conteúdo emocional da poesia. Os poemas sinfônicos, música sinfônica que se distingue da sinfonia pelo caráter pragmático e pela estrutura de movimento único, a relação entre música e literatura apesar de sutil, apresenta-se mais profunda, porque o compositor expressa por meio de sons, o conteúdo de uma obra literária, de uma pintura ou de uma ideia filosófica. As apresentações eram feitas em salas de concerto acompanhadas de um programa explicativo do tema desenvolvido.

A afinidade entre música e literatura percebida ao longo da história da música, contribuiu para que os músicos buscassem nas obras literárias a fonte inspiradora de suas criações musicais. Dufrenne (p. 67) corrobora desse pensamento ao afirmar “se a música se interessa pela poesia, mesmo que seja para exercer seu imperialismo, é porque a poesia já encerra, mais que uma promessa de música, uma música espontânea. A palavra poética canta.”

Durante muito tempo, a poesia foi destinada à voz e ao ouvido. “*Trovador*” e “*menestrel*”, na Idade Média, eram sinônimos de poeta. Com a invenção da Imprensa na Idade Moderna acentua-se a distinção entre essas formas artísticas. A lírica foi abandonando o canto para se destinar à leitura silenciosa.

Todavia, mesmo com essa separação, o poema continuou apresentando traços da união antiga. Por exemplo, o *Madrigal*, o *Rondô*, a *Balada* e a *Cantiga*, formas poéticas ligadas às formas musicais, ou seja, a poesia não abandonou de vez a música ou a música não abandonou totalmente a poesia.

No Brasil, muitos poetas e músicos recorreram à união dessas artes irmãs para o desenvolvimento dos seus trabalhos. Chico Buarque de Holanda, nos anos de Governo Militar, usou a música popular para expressar as condições históricas e sociais dos brasileiros naquele momento de limitações e censura.

Saudade

Saudade- olhar de minha mãe rezando
e o pranto lento deslizando em fio.

Saudade amor da minha terra... o rio
cantiga de águas claras soluçando.

Noites de junho. O caboré com frio
ao luar sobre o arvoredado piando, piando
e a noite as folhas lívidas cantando
a saudade infeliz de um sol de estio.

Saudade- asa de dor do pensamento!
gemidos vãos de canaviais ao vento...
Ai, mortalhas de neve sobre a serra.

Saudade- o Parnaíba-velho monge
as barbas brancas alongando e ao longe
o mugido dos bois da minha terra.

A musicalidade em Da Costa e Silva, segundo Souza (2009, p. 46), “convida, acode e seduz o leitor”, em poemas marcados por ressonâncias das palavras nos versos e aliterações. O poema em destaque se apresenta como um lamento pela ausência na primeira estrofe da mãe rezando, do pranto deslizando em fio como o rio que também soluça. No segundo quarteto, o piado dos arvoredos e o cantar das folhas só reforçam a forma musical. A repetição da palavra saudade em todas as estrofes conduz o leitor para a ideia de lamento, de angústia pela distância da terra natal e dos entes queridos, reforçado pelo mugido “ao longe dos bois da minha terra”.

Poesia e música sempre se utilizaram de técnicas semelhantes para se realizarem formalmente, porém Andrade (1991, p. 32-33) atento para o conflito entre a voz falada e voz cantada ao se observar que música e literatura têm exigências e destinos diferentes. Para ele, “a voz cantada quer a pureza e a imediata intensidade fisiológica do som musical. A voz falada quer a inteligibilidade e a imediata intensidade psicológica da palavra oral. (...) Dois destinos profundamente diversos, para não dizer opostos.”

Essa diversidade acompanhará as duas formas de arte. Cabe aos artistas se preocuparem em vencer as dificuldades de unir palavra e música, visando à acomodação fonética e permitindo ao leitor/ouvinte preencher com sua imaginação os vazios que complementarão o sentido do poema ou da música.

Referências:

AMARAL, A. A. **Artes plásticas na Semana de 22**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora 34, 1998.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da música brasileira**. São Paulo: Martins Editora, 1991.

DA COSTA E SILVA. **Poesias completas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro (MEC), 1976.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LONGINO; HORÁCIO; ARISTÓTELES. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 1997.

LOURENÇO, Eduardo. **Tempo e poesia**. Lisboa: Relógio d'Água, s/d

MUKAROVSKY, Jan. A arte como fato *semiológico*. In: *TOLEDO, Dionísio (org.). Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978. (p. 132-138).

PRAZ, Mario. **Literatura e Artes Visuais**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1982.

RUCKERT, Ernesto von. **Literatura e música**. Revista Gláuks 2, 1997. Dep. Letras UFV. P. 125-138.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em Sala de Aula: da teoria à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **Literatura e Teoria Literária**. Teresina: FUESPI, 2012.

SOUZA, Marly Gondim Cavalcanti. **O universo sonoro em Da Costa e Silva.**
Teresina: FUNDAPI, 2009.